

## LEITURA LITERÁRIA, TIC e INTERDISCIPLINARIDADE

Alexandre Huady Torres GUIMARÃES  
Valéria Bussola MARTINS

Universidade Presbiteriana Mackenzie  
[alexandre.guimaraes@mackenzie.br](mailto:alexandre.guimaraes@mackenzie.br)  
[valeria.martins@mackenzie.br](mailto:valeria.martins@mackenzie.br)

**Resumo:** O livro *Justino, o retirante* - de Odette de Barros Mott - aproxima-se das características do regionalismo crítico. O retrato regional dessa estética literária faz-se por intermédio da reflexão sobre problemáticas essenciais à sociedade, destinando-se a provocar a conscientização pela denúncia e objetivando contribuir para a solução desse embate. O cenário é basicamente composto pela estrada e assume importância fundamental na narrativa. Justino posta-se diante do sertão, da seca e da escassez de recursos. O sertão impõe a migração. A terra, causadora de fome, zoomorfiza os personagens e é inimiga na luta do cotidiano. Por meio de Justino, o leitor aproxima-se de problemas sociais. Trata-se de uma obra densa com conteúdo complexo e reflexivo. Diante dessa constatação, como trabalhar tal obra literária com adolescentes da classe média brasileira, principalmente com os dos grandes centros urbanos, que vivem realidades tão díspares da encontrada em *Justino, o retirante*? Esta reflexão descreve uma estratégia didático-pedagógica interdisciplinar, munida das Tecnologias de Informação e Comunicação. Existem alguns recursos de fácil utilização que podem propiciar propostas motivadoras e significativas para os discentes, despertando, além disso, o prazer pela literatura e pela leitura, auxiliando, também, o processo de letramento literário de jovens leitores críticos e reflexivos.

**Palavras-chave:** leitura literária; TIC; interdisciplinaridade.

Graciliano Ramos, José Lins do Rego, Jorge Amado, José Américo de Almeida, Raquel de Queirós e Érico Veríssimo são considerados os inauguradores do regionalismo crítico, movimento que representava os problemas gerais e específicos de determinadas regiões do Brasil. O livro de Odette de Barros Mott - *Justino, o retirante* - é uma obra que se aproxima das características dessa estética literária.

O retrato regional nessa literatura não se fazia por intermédio do pitoresco ou folclórico, mas, sim, pela reflexão acerca de problemáticas essenciais à sociedade, destinando-se a provocar a conscientização pela denúncia e objetivando, nessa via, contribuir para a solução deste embate:

esses escritores continuaram a ser classificados como regionalistas. Na verdade eles redefiniram o romance regionalista tradicional, com uma linguagem artística atualizada. Não tivemos, na década de 30, um regionalismo no sentido de ênfase ao pitoresco regional ou a situações particulares de cada local. Embora as histórias fossem ambientadas numa determinada região, poderiam ser extensivas ao conjunto do país. A visão crítica predominante nessas produções aponta para o caráter social, representando problemas brasileiros e não problemas específicos de uma determinada região. Trata-se, portanto, de uma literatura que procura representar a realidade de forma realista, mas com um sentido crítico muito

aguçado, visando a transformá-la em suas estruturas sociais (ABDALLA JR., 1993, p. 10-1).

O nome do livro de Mott já recebe no título uma vastidão de significados. O nome do personagem é a primeira informação. Ele é apresentado sem a presença do artigo, fato que em um primeiro momento não coloca o leitor em uma posição muito próxima ou familiar ao protagonista. Por conseguinte, seu nome é uma pista para sua personalidade.

Justino é uma derivação sufixal de justo, que, por sua vez, enquanto adjetivo, traz em si a qualidade de íntegro, imparcial, exato, preciso, legítimo, conforme à justiça e à razão. Na condição de advérbio, seu significado pode ser definido como: exatamente, precisamente. Contudo, é a condição de substantivo que mais interessa. Nesse caso: homem virtuoso.

Imediatamente após a vírgula, tem-se do grego *epithetos* (qualificação, alcunha, cognome, palavra que qualifica um substantivo), o epíteto *o retirante*. Por meio desse termo, Justino é qualificado, e mais, com a presença do artigo definido singular, fator que o especifica, coloca-o em uma posição delimitada, que o qualifica, destaca-o como e entre os imigrantes.

A história de Justino é narrada a partir de seus doze anos, quando da morte de seu pai, seguida da de mãe, o menino é convidado pelo patrão a abandonar a residência simples, sobre o árido chão nordestino, visto as terras destinarem-se, a partir daquele momento, ao gado. Entre o padrinho e a estrada, Justino opta pela segunda, e do final do segundo capítulo ao quinto capítulo, o menino inicia sua vida de retirante até chegar a Croibero.

O cenário que se apresenta entre esse recorte é o foco desta pesquisa, pois nesse espaço, basicamente composto pela estrada, é que o ambiente assume importância fundamental. Justino posta-se diante do sertão, da seca, da escassez de recursos que a geografia e a meteorologia causam a estas terras, determinando grande parte da postura dos homens da região.

Ainda no primeiro capítulo, o narrador em terceira pessoa, que se mantém fora dos acontecimentos, domina todos os episódios externos, assim como o interior dos personagens, conhece todas as nuances dos fatos, conta-nos a trama sem se apresentar sob sua condição de narrador e já faz referência à luta imposta pela terra e pelo clima: “O sol dardeava seus raios, de maneira violenta. Era uma batalha a ser vencida contra a terra, contra o homem, contra o verde”<sup>1</sup>.

É essa terra que impõe a migração e a estrada não se faz mais cortês, como se vê nos trechos a seguir: “O caminho se alonga por não haver variações de paisagens. Têm a impressão de que caminham sempre pelo mesmo trecho”<sup>2</sup> e “Caminham sob o sol forte. A estrada desemboca na ruazinha estreita, de casinhas simples, pobres, que ao menino parecem lindas e ricas. Somente vira assim e melhor, a casa-grande da fazenda”<sup>3</sup>.

A mesma terra é a causadora da fome: “Caminham outro trecho sem variações. Calor. Fome. Sede. Cansaço”<sup>4</sup>. Até mesmo a tão desejada comida gera desconfortos: “Uma manhã, um dos homens encontrou um tatu, [...] Mas a comida, caindo nos estômagos vazios, dá contrações violentas, e eles se sentem pior do que antes. Uma fraqueza põe as suas pernas bambas, frouxas”<sup>5</sup>. Um dos personagens chega a ensinar como se deve comer depois de tantas horas sem alimento no estômago: “- M'nino, mastiga um pedaço de ceará, devagar, bem devagarzinho. Saliva junta na boca, você engole a carne assim não faz mal. Até o estômago se

<sup>1</sup> MOTT, O. de B. *Justino, o retirante*. São Paulo: Atual, 1995, p. 06.

<sup>2</sup> *Ibid.*, p. 17.

<sup>3</sup> *Ibid.*, p. 26.

<sup>4</sup> *Ibid.*, p. 18.

<sup>5</sup> *Ibid.*, p. 22.

acostumar. Nada de pressa! A gente vê comida e quer comer, mas pra quem está desacostumado, precisa de jeito”<sup>6</sup>.

A terra é responsável, ainda, pela mais degradante condição dos personagens. Ela zoomorfiza-os. Em um primeiro momento, são comparados à própria natureza: “São quatro mulheres, seis homens, duas dezenas ou mais de crianças, todas menores do que ele, franzinas, as roupas em frangalhos. Ao menino, elas parecem ser a continuação da caatinga, da terra vermelha [...] a própria terra”<sup>7</sup>.

A seguir, a comparação ocorre com os animais, como observa-se em:

Só a fome era certa, constante e permanente. Foi pois, com imensa alegria que o pequeno grupo avistou o campo e lá aportou. Pelo menos por três dias viveria humanamente e não como animais. [...] Justino alonga o olhar, acompanhando a turma que se dirige ao campo. Lembra-se do gado que o padrinho tangia à tarde, campo afora, até encontrar o curral<sup>8</sup>.

Manifesto é que outras características são impostas pela terra, contudo, as três, a saber - imigração, fome e zoomorfização -, erigidas, perfazem um rude caminho. A terra é adversa ao homem, é sua inimiga na luta do cotidiano, e a estrada faz-se mais longa e sempre igual pela ausência de paisagens. Nela, o sol castiga a pele e as simples e pobres residências que só se fazem belas aos olhos de inexperiente menino que pouco viu.

Da brutalidade da terra, brota a fome. A ausência de variações traz progressivamente o calor, a fome, a sede e o cansaço. A comida, tão rara, deve ser apreciada com cuidado, já que, antiteticamente, sua costumeira ausência provoca o mal-estar e a fraqueza àqueles que não estão acostumados a sua ingestão.

Entretanto, a terra é imperativa e, nessa condição, zoomorfiza o ser humano, ou seja, oferta-lhe o clima tosco, a paisagem violentamente análoga, a desnutrição e, assim, conclui seu mando, retirando deles a qualidade humana, a vida, transformando-os em seres ora inanimados ora irracionais, abstratos.

A terra é, com sua brutalidade, responsável pela metamorfose de seres que nasceram sob a condição humana, mas que a perdem, ao correr da parca vida, para se igualar à própria terra desfalecida que habitam. São, portanto, apenas duas facetas de uma mesma existência áspera: da “própria terra”.

Odette de Barros Mott, por meio do retirante Justino, adentra a inúmeros problemas sociais presenciados e ainda existentes em nosso país, corre a região nordeste e a seca, e apresenta ao leitor uma problemática que se desenrola sob a égide da vontade de superação de Justino, que acaba por chegar a um final completamente díspar do sugerido pelo título da obra, posto que inicia retirante e finda como orador do ginásio. O menino consegue livrar-se da seca, da força latifundiária e da fome. Encontra em sua trilha a amizade, a solidariedade e até o amor.

Um dos fatores marcantes no sobrepujar do homem virtuoso reside na esperança que se enlaça à fé, tão enraizada à região, como constata-se nos três trechos seguintes: “Sim, é por nove dias, seu violeiro, que o santo merece nossa estima. É santo de devoção do lugar”<sup>9</sup>; “Cada um, ali, o cego e o retirante, mergulhados nos próprios pensamentos, e a uni-los, a idéia de um pai-de-santo a fazer milagres. Cegos a enxergarem a luz do sol, paráliticos não se arrastando pelas estradas. E o milagre maior, estupendo, das barrigas fartas”<sup>10</sup> e “Abre o oratório, afasta as imagens e dá um lugar de honra à santinha. Justino lembra-se da mãe

<sup>6</sup> MOTT, O. de B. *Justino, o retirante*. São Paulo: Atual, 1995, p. 33.

<sup>7</sup> *Ibid.*, p. 14.

<sup>8</sup> *Ibid.*, p. 24-5.

<sup>9</sup> *Ibid.*, p. 27.

<sup>10</sup> *Ibid.*, p. 65.

rezando ao anoitecer, o sino da fazenda badalando a Ave-Maria... o pai tocando o boi... ô... boi”<sup>11</sup>.

Em meio à desventura proporcionada pela terra, resta ainda a esperança que se apega em formas religiosas sempre superiores aos seus pedintes eternos. Justino vence, faz-se firme, seguro e representa a voz de todo um povo em busca de justiça.

Trata-se, dessa forma, de uma obra densa com conteúdo complexo e reflexivo. Diante dessa constatação, como trabalhar tal obra literária com adolescentes da classe média brasileira, principalmente com os dos grandes centros urbanos, que, hoje, vivem realidades tão díspares da encontrada em *Justino, o retirante*? Surgiu desse questionamento a ideia de um trabalho interdisciplinar. Segundo Fazenda (1979, p. 08), a interdisciplinaridade

é a substituição de uma concepção fragmentária para unitária do ser humano. É uma atitude de abertura, não preconceituosa, onde todo o conhecimento é igualmente importante. Pressupõe o anonimato, pois, o conhecimento pessoal anula-se frente ao saber universal. É uma atitude coerente, que supõe uma postura única frente aos fatos, é uma opinião crítica do outro que fundamenta-se na opinião particular. Somente na intersubjetividade, num regime de copropriedade, de interação, é possível o diálogo, única condição de possibilidade da interdisciplinaridade, [...] neste sentido tornando-se particularmente necessária uma formação adequada que pressuponha um treino na arte de entender e esperar, um desenvolvimento no sentido da criação e da imaginação.

Um trabalho interdisciplinar na 3<sup>a</sup>. série do Ensino Médio, munido de recursos de Tecnologia de Informação e Comunicação, pode conseguir bons resultados ao utilizar mídias presentes no dia a dia dos educandos e ao buscar inter-relações entre as diversas disciplinas da grade curricular. No caso da experiência que será descrita a seguir, o objetivo foi criar um projeto que realmente envolvesse os alunos, transformando-os em protagonistas ao longo do trabalho:

Uma educação que abraça a interdisciplinaridade navega entre dois polos: a imobilidade total e o caos. A percepção da importância do passado como gestor de novas épocas nos faz exercer paradoxalmente o imperativo de novas ordens, impelindo-nos à metamorfose de um saber mais livre, mais nosso, mais próprio e mais feliz, potencialmente propulsor de novos rumos e fatos. O processo interdisciplinar desempenha um papel decisivo no sentido de dar corpo ao sonho de fundar uma obra de educação à luz da sabedoria, da coragem e da humanidade. (FAZENDA, 1998, p. 08)

Na busca por esse saber mais livre, defendido anteriormente por Fazenda, no início do projeto, o professor de Língua Portuguesa solicitou que os educandos obtivessem, por meio de uma pesquisa e utilizando o recurso que mais os agradasse, informações sobre o autor do livro escolhido.

Uma semana depois, foram ouvidas, por todos os alunos da turma, as informações coletadas previamente pelos discentes. A seguir, o docente fazia comentários complementares, quando achava pertinente, e expunha o contexto em que o livro fora escrito.

Na sequência, o primeiro capítulo do livro escolhido foi lido e interpretado, pelo docente de Artes, em sala de aula. Tratava-se, portanto, de uma leitura dramática. Ocorria, assim, uma leitura coletiva e reflexiva, prática libertadora na visão de Zilberman (2009, p. 27): “[...] seja no âmbito coletivo, seja no plano individual, a conquista da habilidade de ler é

<sup>11</sup> MOTT, O. de B. *Justino, o retirante*. São Paulo: Atual, 1995., p. 82.

simultaneamente o primeiro passo na direção da liberdade, de uma parte e de outra, para a assimilação dos valores da sociedade”.

Depois dessa leitura, os alunos expuseram suas sensações e, quando tinham dúvidas sobre a obra ou sobre o conteúdo da mesma, colocavam suas questões. Essa etapa de sensibilização é, sempre, imprescindível, pois abre espaço para o diálogo entre professor e alunos e entre os próprios alunos. Percorrendo o objetivo do projeto, lembra-se que:

Ao ler, estou abrindo uma porta entre meu mundo e o mundo do outro. O sentido do texto só se completa quando esse trânsito se efetiva, quando se faz a passagem de sentidos entre um e outro. Se acredito que o mundo está absolutamente completo e nada mais pode ser dito, a leitura não faz sentido para mim. É preciso estar aberto à multiplicidade do mundo e à capacidade da palavra de dizê-lo para que a atividade de leitura seja significativa. (COSSON, 2009, p. 27)

Depois do término da leitura do primeiro capítulo, os alunos receberam a tarefa de finalizar a leitura em casa e a continuidade do projeto deu-se no laboratório de informática com o professor de Geografia.

Embora no contexto educacional brasileiro atual, mesmo o que envolve as escolas particulares, muitos docentes ainda não estejam completamente capacitados para desenvolver trabalhos com as TICs, existem alguns recursos de muito fácil utilização que poderiam propiciar propostas muito motivadoras e significativas para os discentes.

A primeira meta dos alunos foi buscar na internet informações sobre os retirantes no Brasil. Além de ensinar como se deve fazer uma boa pesquisa na internet, não clicando, por exemplo, no primeiro *site* que surge (atitude muito comum entre os educandos), os discentes pesquisaram sobre o contexto histórico, econômico e social dessa parcela da população, fazendo, também, um mapeamento das regiões mais pobres do país.

Em um segundo momento, o professor de Artes solicitou que os educandos tirassem fotos que documentassem a pobreza da cidade em que viviam para que estabelecessem comparação com as difíceis condições de vida entre os retirantes e os moradores de rua. Os alunos receberam, ainda, a informação que essas fotos seriam usadas, futuramente, na montagem de uma apresentação hipermidiática.

Duas semanas depois, de volta ao laboratório de informática, o docente de Artes pediu que os discentes selecionassem fotos da internet que retratassem o dia a dia dos retirantes. Dessa forma, o projeto, também, contemplou a chamada alfabetização visual - termo cunhado por Donis A. Dondis e largamente trabalhado em *Sintaxe da Linguagem Visual* (2007) - ao analisar com maior riqueza, por meio das linhas, das formas, das cores, das luzes, das texturas por exemplo, as imagens fotografadas e pesquisadas pelos alunos ao longo do trabalho.

Guimarães (2010, p. 42) explica a importância desse estudo no universo escolar:

Constata-se a necessidade do alfabetismo visual, já que as consequências da leitura [...] dependerão de vários fatores, como cultural, o psicológico, o social, o filosófico, além de experiências anteriores que o observador possua e busque para o momento da experiência. Não há, por conseguinte, como não entrar na questão educacional, tendo em vista que o sujeito-receptor vive em uma sociedade em que a linguagem midiática destrói, constrói e reconstrói identidades, muitas vezes, não permitindo uma reflexão sobre o que consome.

Nesse mesmo contexto que envolve o trabalho com a cultura visual, Fernando Hernández (2000) considera necessário que os educadores levem em consideração os objetos

da cultura visual dos discentes, observando, ainda, os fatores histórico-antropológico, estético-artístico, biográfico e crítico-social.

Mais uma vez, torna-se indispensável o papel do docente como facilitador nesse processo de construção de conhecimentos. Segundo Guimarães (2001, p. 75):

Modernamente, o mundo é pavimentado de imagens. São tantos os dizeres, compreensíveis ou não, legíveis ou não, ainda assim legitimados, os quais rezam o cotidiano. Em virtude desse fato, é que se clama o aprendizado, a análise consciente do texto imagético, não obstante o deleite da arte e, pela arte [...]. Para tanto, necessita-se de um leitor sensível, hábil e instrumentalizado. Um leitor que prospere diante do texto imagético, que adentre às camadas deste, dialogue com as mesmas e com o que as sustenta para retornar em expansão à superfície.

Para finalizar a proposta de trabalho, o professor de Língua Portuguesa, ainda no laboratório de informática da escola, solicitou que os alunos montassem uma apresentação hipermediática sobre os cidadãos brasileiros que vivem em condições precárias, como Justino, o retirante, e como os moradores de rua da cidade em que viviam os educandos. A ideia envolveu, também, a montagem de um *blog* para a exibição das apresentações ou vídeos produzidos pelos discentes.

Nessa ocasião, o docente propôs que os educandos fizessem os trabalhos no programa PowerPoint (do pacote Office da Microsoft) ou no *software* de edição de vídeos Windows Movie Maker. Os alunos escolheram qual ferramenta utilizar em função dos seus conhecimentos em informática.

Por meio dessa proposta virtual, os discentes exercitaram, assim, suas habilidades e competências verbais, visuais e sonoras, tipo de trabalho fundamental no contexto educacional que recebe jovens cada vez mais ligados ao universo *on-line*:

O trabalho de produção de textos no computador deve levar em conta todas as possibilidades de interação com imagens e símbolos, penetrando em um novo universo de criação e estruturando o aparecimento de novos gêneros ligados à interatividade. [...] O texto é posto em movimento, envolvido em um fluxo, vetorizado, metamórfico. (LÉVY, 1996, p. 48)

É indispensável frisar, contudo, que a proposta de trabalho no laboratório de informática só tem eficiência se há uma sequência didática pré-definida e com objetivos concretos. A simples utilização do laboratório não garantiria êxito total para o projeto.

O ensino não se faz apenas por meio dos instrumentos tecnológicos, porém, hoje, é inegável que eles sejam ferramentas de extrema relevância no processo de ensino-aprendizagem de jovens que habitam um mundo que se torna, diariamente, mais informatizado, interativo, mediatizado e virtual.

Freire (2009, p. 87), há anos, tendo em vista as características da educação do Brasil, já ditava: “Não tenho dúvida nenhuma do enorme potencial de estímulos e desafios à curiosidade que a tecnologia põe a serviço das crianças e dos adolescentes”.

Não se trata, assim, de um aprendizado individual que se concentra, única e exclusivamente, na livre navegação em *sites* e na coleta de informações na internet. Durante a criação dos textos verbais e não verbais, há trocas entre professor e aluno e entre os próprios alunos.

Além disso, sendo as produções postadas na internet, por meio do *blog*, a proposta ganhou ainda mais relevância na medida em que os alunos abandonaram a velha ideia de que os textos só seriam lidos pelo professor:

Na situação escolar existem relações muito rígidas e bem definidas. O aluno é obrigado a escrever dentro de padrões previamente estipulados e, além disso, o seu texto será julgado, avaliado. O professor, a quem o texto é remetido, será o principal – talvez o único – leitor da redação. Consciente disso, o estudante procurará escrever a partir do que acredita que o professor gostará (e, conseqüentemente, dará uma boa nota). Mais precisamente, fará a redação com base na imagem que cria do “gosto” e da visão de língua do professor. (BRITO, 2003, p. 120)

Os textos deixaram de ser feitos só para a atribuição de uma nota e ganharam um caráter público. Todos os colegas puderam ver o que os outros criaram. A responsabilidade sobre o ato da escrita aumentou, assim como ampliou-se também a responsabilidade do professor que teve de orientar todas as etapas da produção textual.

Vê-se, portanto, que embora as máquinas propiciem um ambiente de aprendizado mais livre, no qual o ritmo individual de aprendizado é mais respeitado, o papel do professor como mediador, como guia, continuou sendo fundamental.

O educador deve criar roteiros de trabalhos, contendo combinados, cronogramas, explicações e diretrizes para a plena concretização da proposta. Além disso, os critérios de avaliação do que for produzido também devem ser previamente criados e expostos aos educandos. Só a partir de uma sólida e bem organizada proposta é que trabalhos com as TICs em sala de aula podem atingir êxito.

Por fim, é fundamental notar que, por meio de um trabalho interdisciplinar e por meio das TICs, o objetivo inicial que era gerar reflexões acerca de problemáticas essenciais à sociedade e provocar a conscientização pela denúncia de uma difícil realidade de vida foi atingido e não há como negar que a utilização da linguagem virtual fez uma grande diferença motivacional no processo ensino-aprendizagem dos jovens envolvidos no projeto.

### **Referências Bibliográficas**

ABDALA Jr., B. **O romance social brasileiro**. São Paulo: Scipione, 1993.

BRITO, V. B. **PCNs de língua portuguesa: a prática em sala de aula**. São Paulo: Arte & Ciência, 2003.

COSSON, R. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2009.

DONDIS, D. A. **Sintaxe da Linguagem Visual**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007. (Coleção a)

FAZENDA, I. C. A. **Integração e interdisciplinaridade no ensino brasileiro: efetividade ou ideologia?** São Paulo: Loyola, 1979.

\_\_\_\_\_. **Didática e Interdisciplinaridade**. São Paulo: Papirus, 1998.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 50. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

GUIMARÃES, A. H. T. **A documentação fotográfica da violência como um recurso para a reflexão educacional.** 2001. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Letras, Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2001.

\_\_\_\_\_. Fotografia: escritura e representação imagética. In: **Imagens: o que fazem e significam.** Organizado por Dina Maria Martins Ferreira. São Paulo: Annablume, 2010.

HERNÁNDEZ, F. **Cultura visual, mudança educativa e projeto de trabalho.** Porto Alegre: Artmed, 2000.

LÉVY, P. **O que é virtual?** Trad. Paulo Neves. São Paulo: Editora 34, 1996.

MOTT, O. de B. **Justino, o retirante.** São Paulo: Atual, 1995. (Série Tirando de Letra)

ZILBERMAN, R.; RÖSING, T. M. K. **Escola e leitura: velha crise. Novas alternativas.** São Paulo: Global, 2009.